

GVAMOS CIRANDAR; POLÍTICAS PÚBLICAS DE TURISMO E CULTURA POPULAR: FESTIVAIS DE CIRANDA EM PERNAMBUCO 1960-1986

Tamisa Ramos Vicente*
Rafael José dos Santos**

Resumo da Dissertação de Mestrado defendida em 13 de junho de 2008

Banca: Prof. Dr. Rafael José dos Santos – presidente (Universidade de Caxias do Sul); Profª. Drª. Sênia Regina Bastos (Universidade Anhembí Murumbi/SP); Profª. Drª. Susana de Araújo Gastal (Universidade de Caxias do Sul) e Profª. Drª. Vera Maria Guimarães (Universidade de Caxias do Sul)..

<http://tede.ucs.br/tde_arquivos/3/TDE-2008-06-18T085208Z-192/Publico/Dissertacao%20Tamisa%20Ramos%20Vicente.pdf>

* Mestre em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul (UCS/2008).

** Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).
Professor, orientador e pesquisador no Mestrado em Turismo (UCS).

As pesquisas em turismo, relacionadas à Cultura Popular no Brasil, possuem basicamente dois enfoques: um, em que o Turismo é visto como o responsável pela descaracterização das artes populares, e outro, em que a atividade turística poderia valorizar, resgatar e dinamizar a Cultura Popular de uma comunidade. Esta pesquisa visa a entender a formação das políticas públicas de cultura e turismo, e quais seus desdobramentos na cultura popular. No intuito de avançar nas discussões sobre as repercussões do turismo na cultura popular, toma-se como objeto de análise os Festivais de Ciranda realizados em Pernambuco pelos órgãos de fomento do turismo do estado, em especial a Empetur e a Emetur, de 1970 a 1986. Como técnica de pesquisa foi utilizada a história oral, com enfoque temático, tendo como sujeitos funcionários dos órgãos de fomento ao turismo. Recorreu-se também a trajetória de vida de mestres cirandeiros, João da Guabiraba, Cristina Andrade, Lia de Itamaracá, Geraldo Almeida e Zé Duda. Como técnica complementar foi feita uma pesquisa documental nos acervos dos dois maiores jornais de Pernambuco: o *Diário de Pernambuco* e o *Jornal do Comércio*, e ainda o *Diário Oficial de Pernambuco* da década de 60. As entrevistas foram feitas com 10 sujeitos, divididos entre três administradores dos órgãos públicos e sete mestres cirandeiros.

A dissertação buscou, de uma maneira geral, caracterizar e evidenciar o entrelace das políticas públicas de cultura e turismo e suas repercussões na brincadeira popular ciranda. Assim, partiu-se analisando a formação das políticas públicas de cultura, observando o quanto – num primeiro momento – os agentes mostraram-se interessados pelo desenvolvimento econômico das ações culturais, buscando garantir mercado para as produções populares, transformá-los em bens rentáveis, constituindo-se, a bem dizer, instâncias de difusão das manifestações culturais brasileiras.

Frente aos objetivos das políticas públicas de cultura, a atividade turística se apresentou como parceria necessária e bem-vinda para o êxito dos intentos. Sendo o turismo considerado, no quadro da política pública brasileira, fator de desenvolvimento econômico, nada mais natural que houvesse o entrelace dessas políticas, a fim de resolver a ineficiência no campo de investimentos, com o consumo dos bens culturais.

Com o objetivo de promover análises pontuais acerca desse entrecruzamento das políticas públicas de turismo e cultura, foram analisados dois órgãos de fomento ao turismo no Estado de Pernambuco: o primeiro, criado pelo governo estadual, a Empresa Pernambucana de Turismo (Empetur), em 1967, e o segundo, criado pelo governo da capital pernambucana, em 1968, a Empresa Metropolitana de Turismo da Cidade do Recife (Emetur). Esses dois órgãos executaram políticas voltadas às artes populares.

Tanto a Empetur quanto a Emetur utilizaram o discurso da valorização e difusão da cultura popular pernambucana como diferencial turístico; desenvolveram diversas ações de promoção às artes populares do estado, e foram responsáveis, até a metade da década de 70, também pelas políticas de cultura estaduais. Integraram o quadro funcional desses órgãos intelectuais e estudiosos das artes culturais, mais um indício, portanto, dessa integração política. Diante do amplo campo de ação da Empetur e Emetur, esta pesquisa concentrou estudos exclusivamente nas ações voltadas à brincadeira popular denominada ciranda, que foram concretizadas com a promoção e organização dos festivais.

Num primeiro momento, identificou-se que o discurso oficial que se enunciava, para justificar a utilização da cultura popular, como atrativo turístico, pautou-se na aparente valorização da brincadeira popular que as ações turísticas pretensamente promoveriam entre os atores que formam a comunidade. No entanto, percebeu-se que essa valorização da ciranda em Pernambuco não está diretamente ligada às ações

turísticas em torno dela. Por exemplo, a chegada da ciranda na região metropolitana deve-se, sobremaneira, à influência das pesquisas publicadas pelo padre Jaime Diniz, tanto quanto aos mestres cirandeiros que se encontravam na região, à época, como Dona Duda, que levou a ciranda para o Janga, onde passou, de divertimento de crianças, para o de pescadores, veranistas, estudantes e turistas. Deve-se igualmente à iniciativa de mestre Antônio Baracho, apto a ensinar os mistérios da ciranda aos interessados, passando a arte à frente. Enfim, essas ações isoladas contribuíram mais do que as ações das políticas públicas de turismo.

Pode-se afirmar também, com base no que se estudou, que a chegada da Emetur no bar de Dona Duda, em 1970, marca o início da influência direta das ações do turismo na brincadeira popular ciranda. Percebe-se claramente que essas instituições utilizaram a ciranda para promover a Praia do Janga como destino turístico, uma vez que ela já estava sendo frequentada por veranistas. Todavia, as políticas de turismo, de certa maneira, influíram na melhoria da infraestrutura do local, houve melhorias nas estradas de acesso ao local de ciranda do Janga e diversificação de atividades na mesma, com a criação dos festivais. Do mesmo modo, quando o Festival de Ciranda foi para o Pátio de São Pedro, no centro de Recife, promoveu-se a ciranda em uma plateia ampliada – aumentando o número de visitantes ao local; dá-se o mesmo no tocante às seletivas do concurso na Praça de Boa Viagem, na época o mais novo local de venda de artesanato.

O que se percebe, analisando as matérias do jornal *Diário de Pernambuco* nas décadas de 70 e 80, é que a ciranda obteve uma repercussão na imprensa de forma muito acentuada naquele período. Todos os dias havia alguma nota fazendo referência à ciranda, muitas vezes ressaltando os mestres e o grupo. Se não podemos atribuir ao turismo nem a valorização nem os resgates da Ciranda, há que se reconhecer o papel importante de seus órgãos na difusão e no incentivo aos novos

grupos de ciranda, apesar de a dança estar em alta naquele momento. Esse aspecto está bem-evidenciado nas entrevistas realizadas, em especial, a da mestra de ciranda Cristina Andrade.

Outro aspecto a ser enfatizado acerca das repercussões dos festivais de ciranda diz respeito à indumentária utilizada pelos cirandeiros, a partir do estabelecimento do critério de trajes típicos. As políticas de turismo criaram as roupas características da ciranda, que até então não existiam; trajes que se tornaram emblemáticos da brincadeira. Sobre esse aspecto, é importante, recorrer a Canclini (1983) e Figueiredo (1996), quando enfatizam que o turismo necessita de alguma produção.

É nessa perspectiva que devemos também refletir sobre o critério de julgamento da coreografia e de seus efeitos na ciranda. Até esse momento, os estudos sobre ciranda enfatizavam a espontaneidade da brincadeira, alertando quanto ao perigo de uma homogeneidade nos passos de ciranda, que o impacto dos festivais poderia trazer, obrigando todos a dançar da mesma maneira, por exemplo; entretanto, apesar dessa categoria, não ocorreu tal homogeneização: numa roda de ciranda atual, diversos passos são executados num mesmo momento, desde que seguindo-se o ritmo.

Falando-se em ritmo, este é, com efeito, uma das categorias dos festivais que mais repercutiu na ciranda. Os estudos de padre Jaime Diniz (1960) e Evandro Rabello (1979), focando ainda o contexto tradicional da brincadeira na Zona da Mata Norte pernambucana, catalogaram apenas duas diferenças rítmicas: o Pé de Pau e a Agalopada, fato também notado por Mestre Zé Duda, ao afirmar que a ciranda, na década de 70, apresentava um novo ritmo, o embalo, que a tornou um pouco mais rápida.

Com respeito ao ritmo embalo, o mestre cirandeiro Antônio Baracho afirma ter sido ele quem criou tal modalidade, sendo esta a que ensina para diversos artistas

populares interessados em formar grupos de ciranda. Afirma, ainda, que a dinâmica de criação das antigas cantigas, marcadas pelo uso de pequenas estrofes, se transformou, e passou-se a utilizar formas modernas de fazer músicas. Sobre esse aspecto, pode-se trazer Canclini (2003) outra vez, com o processo que denominou “hibridização”. Segundo ele, pela hibridização, as artes populares, transformando-se e renovando-se, não perderiam o sentido de positividade.

Nesse sentido, uma hibridização pode ser observada quando se leva em conta a utilização do palco pelos mestres e músicos de ciranda, saindo do centro da roda para subir ao palco. Considerando-se que, na ciranda mais antiga, estavam no centro da roda, para que fossem melhor visualizados e escutados, enquanto comandavam a brincadeira, a utilização do palco na ciranda cumpre a mesma finalidade. Apenas utiliza-se de formas modernas, que são o palanque e a aparelhagem de propagação sonora. Contudo, à parte transformações trazidas pela modernidade, a ciranda, como manifestação popular, ganha força nos anos 60 e 70, marcando forte influência em demais expressões da arte popular. Com efeito, por ser a brincadeira popular de maior repercussão naquele momento na sociedade pernambucana, a ciranda despertou o interesse de mestres das demais brincadeiras populares, os quais se mobilizaram para aprendê-la.

Embora cada um desses mestres tivesse outro folguedo do qual participavam e comandavam desde a infância, eles passaram a incluir a ciranda em seus repertórios, como é o caso, por exemplo, de Geraldo Almeida, com seu *Reisado imperial* que, com ou sem incentivos públicos, sai às ruas no período natalino. Da mesma maneira, o *Pastoril estrela brilhante*, comandado pela Mestra Cristina, e, ainda o *Urso*, dirigido também por ela, percorrem as ruas, no período carnavalesco, com ou sem incentivos de órgão públicos.

Todavia, esses mestres, em relação à ciranda, ficam à espera dos incentivos. Quando não os obtêm, guardam os trajes e os

instrumentos no armário. Além disso, nos últimos anos, os órgãos públicos têm priorizado, para grandes eventos, conjuntos musicais que toquem a maioria dos ritmos populares, como o frevo, forró, maracatus, etc. Isso marca uma tendência de incluir a ciranda apenas de forma indireta, ou seja, como parte integrante de um show composto de vários ritmos. Assim, ao invés de se contratar um grupo de Ciranda, prefere-se um arranjo em que duas ou três músicas de Ciranda se combinam no repertório. Enfim, grupos como a *Ciranda imperial*, *Dengosa*, *Mimosa* são preteridos em nome de outros que toquem todos os ritmos.

Além disso, os Festivais de Ciranda, como dissemos, foram, entre outros, emuladores de disputas não salutares, antes inexistentes entre os mestres de ciranda. Se, tradicionalmente, as querelas existentes entre os mestres davam-se criativamente, expressando-se na forma de poesias cantaroladas na ciranda, com os festivais, as disputas acirram-se, entram no mérito pessoal, em planos de desrespeito e conflito.

No nível econômico, o Festival correspondeu relativamente às políticas de cultura, no sentido de fomentar retorno econômico às artes populares, sem, no entanto, proporcionar a autonomia local. As brincadeiras não puderam manter-se sem os subsídios econômicos públicos. De certa forma, tornaram a ciranda dependente dos órgãos oficiais de cultura e turismo, especialmente da Empetur e das Secretarias de Cultura estadual e municipais. Os mestres de ciranda, vale dizer, acomodam-se, ficando à espera que os órgãos, tanto de turismo quanto de cultura, os chamem para se apresentarem.

É importante, para finalizar, tornar aqui explícitos os limites e as barreiras enfrentados no período da pesquisa de campo. A principal delas talvez diz respeito à dificuldade em contatar alguns atores importantes para a contextualização e interpretação dos dados. É o caso, por exemplo, de Creuza Albuquerque, dona do estabelecimento Sargaço, no município

da Ilha de Itamaracá. Além disso, lamentamos a falta de mais documentos referentes à Empresa Metropolitana de Turismo da Cidade de Recife; e, ainda, alguns dados de seus funcionários, limitando-nos aos informes encontrados no Diário Oficial e nos jornais da época. No geral, entretanto, o conjunto das informações, agregadas no cotejo com dados oficiais, mostrou-se fecundo para os objetivos deste estudo.

Referências

- ALBERTI, V. *Manual de história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALMEIDA, R. *Folclore*. Rio de Janeiro: Funarte, 1976.
- AZEVEDO, I. B. de. *O prazer da produção científica: diretrizes para elaboração de trabalhos acadêmicos*. 10. ed. São Paulo: Hagnos, 2001.
- AYALA, M.; AYALA, M. I. N. *Cultura popular no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- BARBERO, J. M. *Dos meios as mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.
- BARRETTO, M. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. *Horizontes Antropológicos*, UFRGS/IFCH/PPGS, ano 9, n. 20, p. 15-30, out. 2003.
- _____. *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. 12. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2002.
- BONALD, Neto, O. *Turismo, folclore e artesanato: 15 anos de ação da Empetur*. Recife: Empetur, 1982.
- BRANDÃO, C. R. *O que é folclore*. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRASIL. *Decreto-lei 55*, 18 nov. 1966. Define a Política Nacional de Turismo, cria o Conselho Nacional de Turismo e a Empresa Brasileira de Turismo.
- BRASIL. *Decreto-lei 60.224/67*, art. 3º, de 16 fev. 1967. Regulamenta o Decreto-lei 55, de 18 de novembro de 1966.
- BRASIL. *Decreto-lei 74*, de 21 nov. 1966. Cria o Conselho Federal de Cultura.
- BURKE, P. *Cultura popular na idade moderna: Europa, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- CALABRE, L. Intelectuais e política cultural: o Conselho Federal de Cultura. *Intellèctus*, Rio de Janeiro, ano 5, v. 2, 2006.
- CANCLINI, N. G. *As culturas Populares no capitalismo*. São Paulo: Edusp, 1983.
- _____. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2003.
- CARNEIRO, E. *Dinâmica do folclore*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- CASCUDO, L. C. *Folclore do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, [s.d.], 1967.
- CHAUI, M. de S. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- COHN, G. A concepção oficial da política cultural oficial nos anos 70. In: MICELI, S. (Org.). *Estado e cultura no Brasil*. São Paulo: Difel, 1984.
- CRUZ, R. C. *Política de turismo e território*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- DINIZ, A. *Almanaque do carnaval: a história do carnaval, o que ouvir, o que ler e onde curtir*. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.
- DINIZ, J. *Ciranda: roda de adultos no Folclore pernambucano*. Recife: Deca, 1960.
- ESTEVAM, C. *A questão da cultura popular*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1963.

- FALCÃO, J. A. Política cultural e democracia: a preservação do patrimônio histórico e artístico nacional. In: MICELI, S. (Org.). *Estado e cultura no Brasil*. São Paulo: Difel, 1984.
- FEIJÓ, M. C. *O que e política cultural*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- FERNANDES, F. *O folclore em questão*. 2. ed. São Paulo: M. Fontes, 2003.
- FERREIRA, R. A. *A pesquisa científica nas ciências sociais: caracterização e procedimentos*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1998.
- FIGUEIREDO, S. L. Turismo e cultura: um estudos das modificações culturais no município de Soure em decorrência da exploração do turismo ecológico. In: LEMOS, A. I. G. de. (Org.) *Turismo: impactos socioambientais*. São Paulo: Tuatex, 1996.
- GINZBURG, C. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- HOBBSAWN, E. J. *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ISKANDAR, J. I. *Normas da ABNT comentadas para trabalhos científicos*. 2. ed. Curitiba: Juruá editora, 2006.
- LIMA, C. *Evoé: história do carnaval: das tradições mitológicas ao trio elétrico*. 2. ed. Recife: Editora Raízes Brasileiras, 2001.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragem e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- MAURÍCIO, I.; CIRANO, M.; ALMEIDA, R. de. *A arte popular e dominação: o caso de Pernambuco, 1961/77*. Recife: C P DE SOUSA S LINS, 1978.
- MICELI, S. (Org.). *Estado e cultura no Brasil*. São Paulo: Difel, 1984.
- MONICA, L. D. *Turismo e folclore: um binômio a ser cultuado*. 2. ed. São Paulo: Global, 2001.
- MONTENEGRO, A. T. *História oral e memória: cultura popular revisitada*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- NASCIMENTO, M. C. M. *João, Manoel, Maciel Salustiano: três gerações de artistas populares recriando os folguedos de Pernambuco*. Recife: Associação Reviva, 2005.
- ORTIZ, R. *Cultura popular: românticos e folcloristas*. São Paulo: Olho D'Água, 1990.
- _____. *Cultura brasileira & identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- PELLEGRINI FILHO, A. *Ecologia, cultura e turismo*. 7. ed. Campinas: Papirus, 1997.
- _____. *Danças folclóricas*. São Paulo: Universidade Mackenzie, 1980.
- ESTADO DE PERNAMBUCO, *Diário Oficial* de 3 nov. 1967. Define a Política Estadual de Turismo, cria o Conselho Estadual de Turismo e a Empresa de Turismo de Pernambuco.

ESTADO DE PERNAMBUCO. *Diário Oficial* de 23 abr. 1969. Institui a Fundação de Cultura da Cidade do Recife.

RABELLO, E. *Ciranda: dança de roda, dança da moda*. Recife: Universitária, 1979.

_____. *Ciranda: dança e canto*. *Revista do Museu do açúcar*, Recife, n. 4, p. 45-51, ago. 1970.

REZENDE, F. Estado, turismo e finanças públicas. *Turismo em análise*, São Paulo, v. 2, n. 1, 1991.

SANTIAGO, J. *O que é folclore*. Recife: Emetur, 1968.

SANTOS FILHO, J. dos. Embratur, da euforia ao esquecimento: o retorno às raízes quando serviu a ditadura militar. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 35, abr. 2004.

SILVEIRA, J. X. da. *Turismo: prioridade nacional*. Rio de Janeiro: Record, [s.d.].

SOARES, K. de M. et al. *Espetáculos populares de Pernambuco*. Recife: Cepe, 1996.

SOLHA, K. T. Evolução do turismo no Brasil. In: REJOWSKI, M. (Org.). *Turismo no percurso do tempo*. São Paulo: Aleph, 2002.

SUASSUNA, A. *Movimento armorial*. Recife: ed. da UFPE, 1974.

THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

VALENTE, W. *Folclore brasileiro: Pernambuco*. Rio de Janeiro: Funarte, 1979.

VICENTE, A. V. R. *Maracatu rural: o espetáculo como espaço social*. Recife: Associação Reviva, 2005.

VICENTE, T. R. O maracatu rural como ferramenta de estudo no turismo cultural, tendo como observatório o município de Nazaré da Mata-PE. In: ENCONTRO NACIONAL DE TURISMO COM BASE LOCAL, 7., 2003, Ilhéus. *Anais...* Ilhéus, 2003.

Entrevistas concedidas:

ALMEIDA, G. *Almeida G.* depoimento [07 de setembro]. Entrevistadora Tamisa Ramos Vicente. Recife, 2007. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida ao projeto de pós-graduação em turismo. Caxias do Sul – RS.

ANDRADE, M, C. *Andrade C.* depoimento [24 de agosto]. Entrevistadora Tamisa Ramos Vicente. Recife, 2007. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida ao projeto de pós-graduação em turismo. Caxias do Sul – RS.

BATISTA, J. *Batista J.* depoimento [15 de janeiro]. Entrevistadora Tamisa Ramos Vicente. Recife, 2007. 3 cassetes sonoros. Entrevista concedida ao Projeto de Pós-Graduação em Turismo. Caxias do Sul – RS.

BELO, P. *Belo P.* depoimento [08 de março]. Entrevistadora Tamisa Ramos Vicente. Recife, 2007. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida ao projeto de Pós-Graduação em Turismo. Caxias do Sul – RS.

D'ARCE, V. *D'Arce, V.* depoimento [07 de março]. Entrevistadora Tamisa Ramos Vicente. Jaboatão dos Guararapes, 2007. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida ao Projeto de Pós-Graduação em Turismo. Caxias do Sul – RS.

GUABIRABA, J. *Guabiraba J.* depoimento [10 de setembro]. Entrevistadora 113 Tamisa Ramos Vicente. Recife, 2007. 3 cassetes sonoros. Entrevista concedida ao Projeto de Pós-Graduação em Turismo. Caxias do Sul – RS.

NASCIMENTO, M.M.C. do. *Nascimento M.* depoimento [21 de setembro]. Entrevistadora Tamisa Ramos Vicente. Recife, 2007. 3 cassetes sonoros. Entrevista concedida ao projeto de pós-graduação em turismo. Caxias do Sul – RS.

PAZ, V. A. de S. *PAZ V.* depoimento [19 de setembro]. Entrevistadora Tamisa Ramos Vicente. Recife, 2007. 1 cassetes sonoros. Entrevista concedida ao projeto de pós-graduação em turismo. Caxias do Sul – RS.

SILVA, J. B. da. *Silva J.* depoimento [13 de setembro]. Entrevistadora Tamisa Ramos Vicente. Recife, 2007. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida ao projeto de Pós-Graduação em Turismo. Caxias do Sul – RS.

Matérias de jornais:

Uma nova Dança Toma Conta dos Salões. *Jornal do Comércio*, Recife, 6 jul. 1969, p. capa.

É tempo de Mar em Festival. *Diário de Pernambuco*, Recife, 22 jan. 1971, p. II caderno.

Cirandeiros Empolgam a multidão no Janga. *Diário de Pernambuco*, Recife, 27 abr. 1971, p. 9.

Taí, Gente, a ciranda estourou no Recife. *Diário de Pernambuco*, Recife, 2 mar. 1972, p. III caderno.

Ciranda é tema de Festival. *Diário de Pernambuco*, Recife, 27 mar. 1972, p. 3.

III Festival de Cirandas já tem êxito assegurado. *Diário de Pernambuco*, Recife, 18 abr. 1972, p. 6.

Emetur realiza do dia 9 a 12 deste mês o V Festival de Ciranda. *Diário de Pernambuco*, Recife, 3 abr. 1973, p. 2.

Festival de Ciranda Já inscreveu 12 conjuntos e começará quarta-feira. *Diário de Pernambuco*, Recife, 5 abr. 1973, p. 3.

IV Festival de Ciranda já tem 12 Conjuntos inscritos. *Diário de Pernambuco*, Recife, 7 maio 1973, p. 3.

Dona Duda Integra a Comissão Julgadora do IV Festival de Ciranda. *Diário de Pernambuco*, Recife, 10 maio 1973, p. 3.

Ciranda do Cordeiro é finalista do IV Festival. *Diário de Pernambuco*, Recife, 11 maio 1973, p. 3.

Festival de Ciranda termina hoje com entrega de prêmios. *Diário de Pernambuco*, Recife, 12 maio 1973, p. 3.

Prata Fina foi Ciranda Vencedora. *Diário de Pernambuco*, Recife, 10 maio 1973, p. 3.

Emetur abre inscrições para Festival de Ciranda. *Diário de Pernambuco*, Recife, 5 maio 1974, p. 24.

Festival de ciranda tem início hoje no pátio. *Diário de Pernambuco*, Recife, 7 jun. 1974, p. 6.

Emetur adia o Festival de Cirandas para 12 de junho em homenagem aos namorados. *Diário de Pernambuco*, Recife, 17 abr. 1974, p. 2.

Ciranda de Lia com muito ritmo e boas evoluções vence concurso no Pátio. *Diário de Pernambuco*, Recife, 19 jun. 1974, p. 3.

Concluída programação para o VI Festival de Cirandas. *Diário de Pernambuco*, Recife, 7 maio 1975, p. 3.

Grupos confirmam presença no Festival de Cirandas e inscrição termina dia 13, *Diário de Pernambuco*, Recife, 10 maio 1975, p. 6.

Tudo pronto para o Festival de Cirandas. *Diário de Pernambuco*, Recife, 14 maio 1975, p. 2.

Ciranda do Bolinha ganha 1º lugar na abertura do Festival. *Diário de Pernambuco*, Recife, 16 maio 1975, p. 6.

Cirandas da capital e do interior se irmanam para o VII Festival no Pátio. *Diário de Pernambuco*, Recife, 11 maio 1976, p. 3.

Pátio de São Pedro terá Festival de Cirandas de 20 de maio a 11 de julho. *Diário de Pernambuco*, Recife, 11 maio 1977, p. 6.

Emetur recebe até dia 18 inscrições para o Festival de Cirandas. *Diário de Pernambuco*, Recife, 12 maio 1977, p. 6.

Ciranda Continental e Imperial disputam finalíssima no Pátio. *Diário de Pernambuco*, Recife, 11 jun. 1977, p. 7.

Festival de Cirandas no Pátio encerra hoje fase classificatória. *Diário de Pernambuco*, Recife, 19 maio 1978, p. 8.

Campanha Pernambucana contra o turismo, combatendo o câncer da cultura popular. *Diário de Pernambuco*, Recife, 22 ago. 1978. Viver, p. B1. 115.

Festival de Cirandas tem início no Pátio com 13 concorrentes. *Diário de Pernambuco*, Recife, 5 maio 1979, p. 5.

Festival de Cirandas chega à semifinal com 6 classificadas. *Diário de Pernambuco*, Recife, 23 maio 1979, p. 8.

Festival de Cirandas no Pátio. *Diário de Pernambuco*, Recife, 17 abr. 1980, p. 8.

Festival classifica 10 cirandas no pátio. *Diário de Pernambuco*, Recife, 13 maio 1980, p. 8.

Corrida e Festival. *Diário de Pernambuco*, Recife, 20 ago. 1980, p. 16.

Cirandas Alegram no pátio. *Diário de Pernambuco*, Recife, 14 maio 1981, p. 10.

O festival. *Diário de Pernambuco*, Recife, 14 maio 1981, p. 10.

Festival. *Diário de Pernambuco*, Recife, 4 set. 1981, p. 20.

Ciranda de Itamaracá. *Diário de Pernambuco*, Recife, 9 set. 1981, p. capa.

Festival. *Diário de Pernambuco*, Recife, 9 set. 1981, p. 24.

As cirandas. *Diário de Pernambuco*, Recife, 26 set. 1981, p. 20.

XII Festival de Ciranda começa hoje no centro. *Diário de Pernambuco*, Recife, 7 set. 1982, p. 11.

Festival de Ciranda de Itamaracá. *Diário de Pernambuco*, Recife, 11 set. 1982, p. 20.
Ciranda. *Diário de Pernambuco*, Recife, 15 set. 1986, p. 9.
"Se eu tocar numa lata, o povo dança." *Jornal do Comércio*, Recife, 29 jan. 2001.
Dona Duda, Sente saudades de Cirandar. *Jornal do Comércio*, Recife, 31 jan. 2001.